

TÓPICOS

O MACHO FEMININO E A FÊMEA MASCULINA – ANDROGINIA

Jorge José Serapião¹

Este título nos remete a questão da androginia, isto é a mistura dos gêneros masculino e feminino. E será essa a questão de gênero sobre a qual desenvolveremos a maior parte de nossas considerações.

Cabe, entretanto, analisar as demais vertentes que lidam com a imprecisão em se estabelecer uma diferença entre o masculino e o feminino.

Na vertente biológica, o termo androginia é praticamente desconhecido, e as ambiguidades entre os sexos são designadas pelo termo intersexualidade.

No mundo da biologia a existência de dois sexos liga-se à reprodução sexuada, na qual os indivíduos distinguem-se pela capacidade de produzir gametas masculinos e femininos. Esses gametas se unem para criação de novos seres. Essa fusão determina (determinação sexual) se esses seres serão de um ou de outro sexo. Mais adiante, com o sexo biológico já determinado, esses novos seres vão se diferenciar (diferenciação sexual) em macho e fêmea ao longo de seu desenvolvimento embrionário. Os mecanismos de determinação e de diferenciação são bem precisos, embora possam ocorrer “falhas”, o que redundaria em imprecisões denominadas no mundo biológico de intersexualidade. Não é oportuna uma descrição detalhada dessas numerosas situações, por isso nos limitaremos a exemplificá-las com dois casos típicos: a Síndrome de Morris – indivíduo fenotipicamente

(aparência externa) feminino portador de testículos; e a Síndrome de hiperplasia suprarrenal congênita feminina – indivíduo portador de ovários mas com aparência fenotípica masculina em decorrência de uma intensa virilização.

Na Síndrome de Morris (também conhecida no passado por síndrome dos testículos femininizantes), simplificada, o indivíduo tem testículos (às vezes ectópicos) que produzem testosterona mas falta-lhes uma enzima, a 5 alfa redutase, que transformaria a testosterona em dehidrotestosterona, esta sim, ativa e capaz de fazê-lo fenotipicamente masculino, permanecendo assim, com aparência feminina.

Na *hiperplasia suprarrenal congênita feminina*, o indivíduo é portador de ovários porém teve, ao longo de seu desenvolvimento embrionário, uma intensa exposição a hormônios masculinos produzidos por sua suprarrenal hiperfuncionante. Disso redundou o desenvolvimento de uma genitália ambígua e um fenótipo masculino por virilização.

Ainda na vertente biológica, usa-se o termo “hermafrodita” para designar um indivíduo que tenha, ao mesmo tempo um ovário e um testículo, ou uma dessas gônadas associadas a um ovotestis (gônada com mistura de tecido ovariano e testicular). São situações raras denominadas de “hermafroditismo verdadeiro”.

O termo “pseudo hermafroditismo feminino” descreve os intersexos que têm ovários (por exem-

1. Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ambulatório de Sexologia do Instituto de Ginecologia da UFRJ. e-mail: serapius@unisys.com.br.

plo, a já citada hiperplasia suprarrenal congênita feminina) ainda que seu fenótipo seja masculino. Já o termo “pseudo hermafroditismo masculino” descreve os intersexos que têm testículos (por exemplo, a já citada Síndrome de Morris), ainda que seu fenótipo seja feminino. Assim, percebemos que o que justifica a denominação pseudo hermafroditismo masculino ou feminino num indivíduo com imprecisão de características sexuais é a presença de testículos ou de ovários respectivamente.

Na vertente psicossocial, a questão da nomenclatura usada para designar a imprecisão dos sexos fica mais complexa, porque surgem dois outros conceitos: o conceito de gênero e o de identidade sexual.

Identidade sexual é como o indivíduo se reconhece sendo biologicamente um homem ou uma mulher.

Já a palavra *gênero* tem inúmeros significados. Por exemplo: gênero em biologia é uma unidade de taxonomia que agrupa um conjunto de espécies; gênero literário define estilos poéticos; gênero musical refere-se a tipos de composição etc.

Durante muito tempo o termo gênero relacionou-se ao mundo da gramática e definia o “sexo” das palavras. Aos poucos os sociobiólogos foram reservando o termo gênero para referirem-se às diferenças sociais entre homens e mulheres e que passou a ser conhecido como “papel de gênero”. Isso porque a sociedade tende a definir o comportamento dos indivíduos se forem de um determinado gênero. Gestos, indumentária, atividades profissionais, lazer etc são ditados de uma forma mais ou menos rígidas para cada um dos gêneros segundo os padrões da sociedade a que pertençam.

Quando o indivíduo apresenta intensa insatisfação em representar os papéis de gênero correspondente a seu sexo biológico, usa-se a expressão “disforia de gênero”. Ocasionalmente esse desconforto é de tal intensidade que o indivíduo busca cirurgias (cirurgia de transgenitalização) que adeque sua anatomia à identidade sexual que ele julgue possuir.

Já no “travestivismo”, o indivíduo, embora reconheça que sua identidade sexual é compatível com seu sexo biológico, tem prazer em exercer papéis do gênero oposto, ocasional ou permanentemente.

Nada disso é relacionado com homo ou heterossexualidade que se relaciona com o *drive* ou orientação sexual psicoafetiva do indivíduo. Embora, para a maioria dos autores, bissexualidade seja sinônimo de intersexualidade, para alguns o termo quer significar indivíduos que se sentem atraídos indiferentemente por indivíduos do seu próprio sexo ou do sexo oposto.

Ainda sob o ponto de vista social, os termos andrôgeno, hermafrodita ou bissexual, quando empregados para designar divindades ou figuras mitológicas, têm significação imprecisa ou são considerados sinônimos

A deusa de Mohenjodaro, uma das mais remotas representações de divindade hermafrodita, encontrada no Paquistão, foi esculpida em terracota e tem genitália masculina e mamas. Não fosse por sua condição mítica que permite identificá-la como um ser hermafrodita, ela seria, numa leitura biológica simplesmente, um homem com ginecomastia (desenvolvimento anormal de mamas no sexo masculino).

A ideia de um deus ou de um homem primal hermafrodita foi universalmente difundida desde as grandes civilizações da América central e sudoeste da Ásia até o mundo indo-europeu, norte e sul das Américas, África, Austrália e Ilhas do Pacífico. Os hermafroditas são mais comumente representados por figuras que se mostram divididas verticalmente em um lado masculino e um feminino.

Entre os hindus, a representação da androginia passa por figuras que retratam a união entre o masculino e o feminino, e um gesto de mãos próprio dessa cultura simboliza a união entre *Lingga* (falo) (masculino) e *Yoni* (vulva) (feminino).

Na tradição hindu, a sexualidade começou quando o deus Shiva se apaixonou pelo seu próprio aspecto feminino. O Shiva, o grande deus, foi ado-

rado em toda a Índia na forma de *Lingga* assentado no emblema feminino *Yoni*.

No mundo grego, o andrógino nasce da união entre Mercúrio e Vênus (Hermes e Afrodite, daí o termo hermafrodita), e Dionísio é representado às vezes por um ser em ereção ou por uma mulher. Aqui, algumas vezes, o comportamento andrógino é tolerado ou estimulado como representativo de uma condição espiritual. Outras vezes, o nascimento de crianças com genitália dúbia era uma condição para que fossem eliminadas.

Há, entretanto, evidências de que, no período helenístico e romano, o hermafrodita era considerado uma figura erótica. Em Pompéia, encontra-se um mural que retrata o orgiaco deus Pan horrorizado com uma visão de um hermafrodita.

Na cultura cristã, os anjos (ângelos do hebraico *mal'ak* = mensageiro) têm nomes masculinos: Gabriel, Miguel, Rafael. Os iconógrafos cristãos inspiraram-se na figura pagã de Nike ou Victoria para representá-los, o que justificou figuras de sexualidade ambígua. Nice (em grego Νίκη, Níkē ou Niké = “Vitória”) era uma deusa grega que personificava a vitória, representada por uma mulher alada (MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte. 2003).

Segundo Lanz (LANZ, Leticia. *Berdache: a pessoa de “dois espíritos”*. Disponível em <<http://www.leticialanz.org/berdache-a-pessoa-de-dois-espíritos/>>. Acesso em 22 mar. 2011.), datam de 1530 os primeiros relatos de colonizadores europeus descobrindo a existência de gêneros alternativos na maioria dos povos nativos norte-americanos. Embora as inúmeras variantes e peculiaridades dos gêneros alternativos identificados pelos europeus, seus representantes, foram genericamente denominados “berdaches”, vocábulo provavelmente derivado de “bardaj”, termo utilizado na Pérsia para designar homens afeminados e parceiros sexuais passivos.

Recentemente, a palavra “berdache” é substituída pelo termo Two-Spirit People. Uso do

termo Two-Spirit People (bem como Two Spirit ou Twospirit) surgiu em 1990, a partir da Terceira Edição Anual da Conferência Inter-tribais de Nações Nativas Americanas e da Primeira Conferência Americana de Gays e Lésbicas em Winnipeg. Uma pessoa “dois-espíritos” indica alguém cujo corpo abriga ao mesmo tempo um espírito masculino e um espírito feminino. O termo também pode ser usado de maneira mais abstrata, para indicar a presença de dois espíritos humanos contrastantes (como Guerreiro e Mãe Clã) ou dois espíritos animais contrastantes (o que, dependendo da cultura, pode ser Águia ou Coyote) (Wikipedia, 2011).

Sociologicamente o berdache pode ser descrito como uma solução elegante e generosa para acolher indivíduos desadaptados à dualidade masculino/feminino. Contudo, muito além de solução respeitosa para o possível impasse institucional criado por homens considerados “covardes”, relativamente aos padrões de gênero vigentes na tribo, os berdaches constituíram um segmento de pessoas consideradas abençoadas pelos deuses.

Acredita-se que a institucionalização do berdache se deva a uma acentuada estereotipia de papéis masculinos. Os homens ao precisar provar de forma heroica sua masculinidade encontram no xamanismo e na androginia uma forma de escapar dessa exigência social.

No ocidente alguns artistas também retrataram os andróginos em suas produções. No Renascimento, o S. João Baptista de Leonardo Da Vinci é um bom exemplo.

O travestimento é elemento teatral desde as peças dionisianas da Grécia antiga. Foi ocasionalmente uma exigência legal, como no período elizabetano em que as mulheres não podiam aparecer no palco. Em muitos casos, entretanto, obedecia a uma exigência estética. Os personagens de homens jovens eram mais bem representados por mulher, e o de velhas damas, por homens

No teatro Kabuki, japonês, os papéis femininos são representados por homens, os “onnagatas”. Os onnagatas são considerados pelas

mulheres japonesas como alguém a ser imitado. As plateias japonesas gostam de assistir às peças de Shakespeare representadas por onnagatas nos papéis femininos porque, sendo mais artificiais, o fazem com mais habilidade e beleza.

Em outras manifestações artísticas a figura andrógina esta sempre presente: na dança, no cinema, na moda etc.

Um dos resultados da confusão reinante acerca da identidade sexual é a popularidade da figura andrógina, especialmente no mundo da moda. Para muitos jovens os ditames da moda exercem importante papel em sua vida. Em uma idade em que é desesperadamente importante ser aprovado por seus pares, a imagem de andrógino é correntemente aceita.

Finalmente no mundo pós-moderno já se fala na idade do pós-gênero. A dualidade dos gêneros começa a ser questionada cientificamente pela Teoria Queer e na prática por posicionamentos individuais de vanguarda.

Um exemplo foi o fato recente do casal canadense Kattie Witterick e David Stocker que, segundo o Daily Mail (2011) revelou, em maio desse ano, que pretendem manter o sexo de seu bebê, chamado apenas de Storm (tempestade) como segredo de família. Isso significa que Storm crescerá sem gênero definido. Acossada por críticas de psicólogos, a mãe justificou-se dizendo ter tomado a decisão por causa da pressão sofrida por Jazz, seu filho mais velho, um garoto que gosta de usar tranças e sempre vestiu roupas de menina, para que “agisse como menino”.

Assim concluo, com Maria Irene Ramalho: “Tal como outros fenômenos sociais, o sexo é sempre fluidez de relação, sensibilidade, caracterização, representação, espetáculo. O sexo é sempre intersexo”. (SANTOS, Maria Irene Ramalho. A Sogra de Rute ou Intersexualidades. In: Boaventura de Sousa Santos (Org.). *Globalização Fatalidade ou Utopia*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.